

Alphonsus de Guimaraes no seu ambiente

A 3 de junho de 1918 nasceu meu avô Alphonsus de Guimaraens Filho em Mariana, Minas Gerais, filho de Alphonsus de Guimaraens e Zenaide de Guimaraens. Em 10 de julho de 1919 Mário de Andrade fez uma visita ao poeta simbolista e viu meu avô engatinhar com pouco mais de um ano de idade. Muitos anos mais tarde Alphonsus Filho conheceria Mário de Andrade, mas não teria nenhuma memória daquela visita bem como nenhuma memória do pai falecido em 15 de julho de 1921. “De ti pai nenhuma lembrança.”¹⁹³

Para mim sempre foi impossível acreditar que meu avô não tivesse nenhuma memória do pai uma vez que as histórias mais vivas que me contava sempre envolviam o famoso solitário de Mariana. Se não era sua, que memória era essa que meu avô carregou durante toda a vida? Em 1995 Alphonsus de Guimaraens Filho lançou um livro – *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente* – que, responderia de certa forma, minha pergunta. Na capa uma foto antiga de Alphonsus e sua mulher Zenaide com as filhas, em Conceição do Serro, em 1899.

Essa imagem é parte de que memória? É mesmo memória ou criação? Como se dá essa busca de um filho poeta pela história de um pai poeta que não conheceu? *Alphonsus de Guimaraens em seu ambiente* é um livro duplo que entrelaça a vida do biógrafo e do biografado num longo diálogo entre pai e filho que nunca aconteceu... ou terá acontecido?

“Mariana, 1941: uma espécie de regresso à infância. Que era ela, Mariana, para mim, naqueles idos? Vagas, emaranhadas lembranças. Um cortejo de sombras.”¹⁹⁴ Assim é a abertura do livro sobre a biografia do pai, a viagem de meu avô a Mariana em 1941. Alphonsus filho começa a reconstruir e recriar a memória perdida do pai, perdida nele mesmo e esquecida pelo tempo. No terceiro parágrafo, diz: “Lá te via, pai, no teu escritório na rua Direita nº 11 (hoje nº 35). Lá te via perdido na monotonia da província, nos teus longos, longos, cada vez mais longos dias. Quantas vezes, na paz destes longos dias...”¹⁹⁵

¹⁹³ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de; *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1995, p.15

¹⁹⁴ Ibid., p.19

¹⁹⁵ Ibid., p.19

Estas passagens, da primeira página do livro, são apenas um pequeno fragmento da estratégia de discurso que será usada durante toda a biografia. Uma estratégia que aproxima biógrafo e biografado uma vez que, Alphonsus filho conta ao pai a história de sua vida, do nascimento à morte passando pela construção de sua obra literária. Além disso esta estratégia mostra que o resgate da memória é a construção dela própria num processo que explora as tensões entre história e memória como diz Beatriz Sarlo em seu *Tempo passado*: “O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança(...)”¹⁹⁶.

A estratégia de se situar como narrador da vida do pai, trazendo o pai para a função de interlocutor, abre para o poeta-filho-biógrafo a possibilidade de narrar e imaginar uma vida e uma memória que não são suas. Neste caso específico não se trata de uma narração autobiográfica. No entanto, o ato de se inventar como observador, presente no momento em que as memórias paternas se gravam, e ainda experimentar com o próprio corpo, refazendo os percursos do biografado pelas cidades onde viveu, conversando com amigos e parentes que lá deixou, fazem com que Alphonsus filho se torne testemunha dessas experiências misturando história, memória e imaginação.

A narrativa biográfica, que se engendra, articulando a memória dos afetos, testemunhos dos outros, sensibilidade própria diante do reencontro com cenários da infância, constitui um diálogo (um quase simpósio) fantástico, pois registra a condensação de discursos díspares e afastados no tempo. É assim que as personagens (moldadas por valores e crenças do século passado) ingressam no processo de construir-se para, em contraponto, produzir o perfil do outro – ambos tão familiares quanto estranhos.

Em várias passagens do livro temos a prova nítida desta mistura como nas páginas 20 e 21. Nelas aparecem, ao mesmo tempo, uma visão de Alphonsus pai ainda criança com a imaginação do filho sobre os comportamentos do pai infante. “Depois Ouro Preto, com a sua casa nº27 da rua São José, hoje nº165. A emoção de subir aquelas escadas pensando-te criança e moço na casa plantada no abismo.

¹⁹⁶ SARLO, Beatriz, *Tempo Passado*. São Paulo e Minas Gerais: Companhia das Letras e Editora UFMG, 2007, p.35

*E de repente subias a escada, também subias a escada criança seu tanto introvertida mas alegre*¹⁹⁷ (grifo meu). Nesta passagem a experiência de Alphonsus filho de visitar a casa paterna se mistura com uma lembrança imaginária de seu pai subindo as escadas quando criança. A imaginação do filho vai longe ao criar inclusive a personalidade do pai quando criança “introvertida mas alegre”. São nestes momentos que experiência, memória, narração e imaginação se misturam sem nunca perder o norte do dado biográfico pesquisado, como os números precisos das casas e nomes das rua, bem como documentos que aparecem ao longo do livro. Dois deles são as certidões de nascimento e morte de Constança Guimarães, filha de Bernardo Guimarães e noiva de Alphonsus. Noiva morta que está presente em toda sua obra, figurando inclusive com destaque na cronologia de vida e obra, incluída na edição de suas poesias completas: “1888: 28 de dezembro. Falecimento de Constança”¹⁹⁸. O poema símbolo desta presente ausência é Noiva:

NOIVA

*N'as-tu pas senti le gout
des éternelles amours?*

H.de

B

a

l

z

a

c

Noiva... minha talvez... pode bem ser que o sejas.
Não me disseste ao certo o dia em que voltavas.
O céu é claro como o teto das igrejas:
Vens de lá com certeza. Humildes como escravas,

Curvadas ainda estão as estrelas morosas;
E bem se vê que algum excelso vulto branco
Passou por elas, entre arcarias de rosas,
Revolto o manto de ouro, afagando-lhe o flanco.

.....

Noiva... minha talvez... e por que não? Setembro

¹⁹⁷ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1995, p.20

¹⁹⁸ GUIMARAENS, Alphonsus. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 2001, p. 108.

Volta. Setembro é o mês das laranjeiras castas.
 Vens de grinalda branca, a voar... Ah! bem me
 lembro,
 A veste com que foste é a mesma que hoje arrastas.

.....

Quero abraçar-te e nada abraço... O que me
 assombra
 É que te vejo e não te encontro com os meus braços.
 Morta, beije-te um dia: hoje tu és uma sombra
 Exilada do céu para seguir-me os passos.¹⁹⁹

A noiva morta que percorreu a obra do velho Alphonsus caracteriza a onipresença do binômio amor/morte presente em sua poesia. *Pastoral aos crentes do amor e da morte* é um dos títulos de um livro de meu bisavô. O lirismo que une amor e morte no mesmo plano é a um tempo místico e erótico, como já foi trabalhado no item 3.1. Há aqui uma obsessão pelo tema, rastreada por meu avô na biografia, que é também índice de inserção e intervenção de Alphonsus pai no movimento simbolista brasileiro.

O exercício entre memória, imaginação e história é de extrema importância para a construção da biografia de Alphonsus de Guimaraens dentro de um panorama que é de criação, mas também de pesquisa. Assim é o exercício de imaginação de Alphonsus Filho sobre a memória do pai, um exercício que funciona como estratégia de construção e resgate do passado mediante experiências do presente. Um exercício que, pautado também em longa pesquisa documental, não cria um personagem reduzido à dimensão ficcional; pelo contrário, mostra um personagem que apoiado na criação ficcional tem suas potências amplificadas. Assim constrói-se a imagem de uma figura humana e literária vista pelos olhos de um de seus filhos escritores.

Alphonsus de Guimaraens teve quinze filhos, e se sua biografia fosse escrita por qualquer dos outros seria totalmente diferente do que é quando escrita pelo décimo-quarto. Uma memória que se torna viva na mão do leitor. O livro torna-se aqui potente instrumento de memória como momento de recriação e principalmente de diálogo entre tempos distintos, que mesmo distantes no espaço podem se retroalimentar entrando em contato. Um dos momentos em que isso aparece com toda força e consciência no texto é no capítulo *Reminiscências*.

¹⁹⁹ GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001, p.180.

Andando por Mariana, reminiscências tentam aflorar, definir-se. Mas sinto que a imaginação é que as cria. (grifo meu) E que Mariana continua sendo a distância, o eco dos dias em que, como no verso de Cassiano Ricardo, *foram-se-me as horas pelos vãos dos dedos*. Dispersaram-se. Fugiram. E deles restaram pobres fragmentos verdadeiros que recolho como se pudesse suprir com eles a tua ausência.²⁰⁰

Nesta passagem Alphonsus filho afirma e assume o papel da imaginação na evocação das memórias que lhe escapam, deixando espaço para que a criação complete as lacunas e, assim, possa vislumbrar a figura do pai e aproximar-se dela. Neste jogo entre memória, história e imaginação, continua o capítulo com seus padrinhos Naná Benfica e Antonico Carneiro, que conviveram com Alphonsus e oferecem suas lembranças em depoimentos. Recolhem-se assim os fragmentos que restam desta ausência, fragmentos que, sim, são verdadeiros, mas nem por isso mais autênticos que outros ficcionais que com estes se cruzam.

Outro momento no qual essa relação se dá com potência é em *Viagem ao Rio*. Cruz e Souza. Neste capítulo, Alphonsus filho conta como foi o encontro entre dois dos maiores expoentes do simbolismo no Brasil, encontro que não foi documentado nem noticiado naquele 1895. Para contar esse acontecimento sub-reptício, o filho recorre mais uma vez à imaginação e também a diversas fontes bibliográficas, incluindo aí artigo de jornal do próprio Alphonsus pai sobre o encontro.

Em língua portuguesa não há por certo um poeta moderno que se avante a Cruz e Sousa. Faleceu tuberculoso, na estação de Sítio, a 19 de março de 1898, se não nos falha a memória. Era natural de Santa Catarina. O redator desta folha teve ocasião de passar horas magníficas com esse maravilhoso artista. Era negro genuíno, filho de dois africanos. Morreu com perto de quarenta anos, julgamos.” / Foi a única vez que te referiste ao teu encontro com Cruz e Sousa, no Rio, em 1895. Sabe-se que Coelho Neto, quisesse aproximar-se dele, mas Cruz e Sousa opôs-se, exclamando: “Não! Eu detesto esta gente!” “Esta gente – são palavras da tua biógrafa Henriqueta Lisboa – eram os medalhões do tempo, os indiscutidos, os dogmáticos”.²⁰¹

Nesta passagem Alphonsus Filho se dá ao direito de criar o possível diálogo entre Cruz e Sousa e Alphonsus num encontro do qual não há nenhuma

²⁰⁰ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p.28.

²⁰¹ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p.106

imagem, apenas relatos dispersos. Mais tarde meu avô escreveria, em *O tecelão do assombro*, um poema descrevendo poeticamente aquela tarde.

Cruz e Sousa e Alphonsus

Numa rua central, vão Cruz e Sousa
e Alphonsus. Para conhecer o Cisne Negro
(1895, Rio de Janeiro),
Alphonsus veio da montanha.
Diria mais tarde, no seu jornal *Conceição do Serro*, que “teve ocasião de passar
horas magníficas
com este maravilhoso artista”.
Eu os relembro, depois do encontro:
Alphonsus esquecido
“em sua heróica e tocante solidão” em
Mariana
“onde é mais triste ainda a triste vida
humana”,
Cruz e Sousa, o que
“ficou gemendo, mas ficou sonhando!”,
nos seus embates contra a vida áspera,
não raro cruel. Ambos, agora, iluminados
nas paragens da morte.
Sim, eu os vejo agora e para sempre juntos,
irmanados na estranha morada da poesia,
libertos dos sofrimentos, puros
e completos na amplitude
que a morte destina aos que deram à vida,
na grave fidelidade à própria alma,
uma luz para sempre inalterável,
chama que mão nenhuma apagará.²⁰²

É em passagens como esta que meu avô faz um levantamento cuidadoso dos contatos de seu pai com o movimento simbolista, representado por poetas, revistas, críticos etc. Assim são os capítulos 7 e 9, que falam respectivamente de Jacques D’Avray (pseudônimo poético de Freitas Vale) e de Severiano de Rezende. Amigos e poetas que compartilharam com Alphonsus a vida em Minas e em São Paulo, na juventude e depois.

Aparecem também, ao longo de toda a biografia, revistas e jornais, como a *Fon-Fon* e *O Germinal*, nos quais Alphonsus publicou poemas e foi editor, como do vespertino *O Alfinete*. Assim, meu avô compõe o ambiente poético pelo qual

²⁰² GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p.108

navegava o pai. Um trabalho que serviu para combinar, num mesmo gesto historiográfico-crítico, a legitimação de Alphonsus de Guimaraens e da vertente estética que lhe serviu de fundamento e bandeira.

Outro ponto onde a imaginação irrompe da memória e perfaz o caminho entre biógrafo e biografado é na paráfrase do poema *A Catedral* feita por Alphonsus filho no capítulo 72.: “No dia 15 de abril de 1973, para me sentir mais ligado a ti, acudiu-me escrever um poema paráfrase do teu incomparável *A Catedral*”.²⁰³ Nesse exercício meu avô se coloca como escritor do poema que o pai escreveu e o modifica. Em vez dos clássicos versos que estão em todos os livros escolares de literatura “E o sino clama em lúgubres respostas / Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus”. Meu avô escreve “E o vento clama em ríspido estribilho: / Cego Alphonsus Filho! Cego Alphonsus Filho”. Este jogo também explicita o resgate e o encontro com o pai e com a produção poética simbolista. Um encontro que se dá no texto e para além dele.

A poesia não podia deixar de estar presente com muita força na biografia de um poeta. Além do jogo entre pai e filho com a autoria do poema, a poesia entra no embate entre memória, história e imaginação de forma muito interessante. Em várias passagens a poesia de Alphonsus é usada para compor sua própria biografia. No capítulo 101 sobre a morte do poeta aparecem no texto de Alphonsus filho inserções de versos e trechos de crônicas do pai. O capítulo começa assim:

“Cada um deseja o eterno sono”, escreveste numa crônica do teu jornal *Conceição do Serro*, em 26 de junho de 1904. O eterno sono... Concluíste assim o soneto XLX da Pastoral: “Segues: e a cada leito em que descansas, / É como o eterno túmulo que escolhas / Para dormir o derradeiro sono...”²⁰⁴

E ainda: “Mas foste antes de tudo ‘alquimista da morte’, ‘poeta da morte’, ‘alma de assombros’, voltando sempre para o instante em que serias “para o céu vivo – para o mundo morto...” (soneto XLVII de *Pulvis*)”²⁰⁵. Talvez o último capítulo seja o mais impactante neste jogo de construir o texto da biografia com as palavras do próprio biografado. O texto do último capítulo é todo escrito com

²⁰³ Ibid., p.280

²⁰⁴ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.,p.407

²⁰⁵ Ibid., p.41

imagens inequivocamente retiradas da obra de Alphonsus, mas sem citações explícitas. Assim cria-se um jogo de dupla escritura e ao mesmo tempo uma visão poética da vida e obra do simbolista. Algumas dessas passagens merecem destaque:

Melhor te compreendo no teu exílio num fantástico castelo roqueiro, cheio de audácia como um barão de Castela, para, ao final, encontrares vazio o Santo Esquife dos teus sonhos. [...] Tua Ismália te contempla, contempla-te a tristeza das coisas que extraístes uma vibração espiritual e [...] Tua alma, cruz enterrada no céu.²⁰⁶

Nestas passagens estão presentes o castelo roqueiro, verso de Alphonsus, a célebre Ismália e por fim esta cruz enterrada no céu que no original é “Minh’alma, cruz enterrada no céu”. Frase que por fim ficou como epitáfio do poeta inscrito em seu mausoléu.

As memórias dos que estavam à volta de Alphonsus também são necessárias para recriar sua história. Assim aparecem pelo livro citações de seu irmão, também poeta, Archangelus, de seu outro filho escritor, João Alphonsus, além de muitos outros personagens como a mulher Zenaide, que ao enviuvar assumiu o difícil papel de mãe zelosa, cuidando de 14 filhos com os poucos recursos que possuía. Aparece também a relação entre os Guimarães e os Guimaraens, quando meu avô esclarece o parentesco de seu pai com Bernardo Guimarães. Bernardo era tio-avô de Alphonsus.

Apresenta-se, então, amplamente o "ambiente" de biografado – histórico e familiar, no detalhamento do círculo de amigos e poetas, dispersos pelo País, e o grupo de amigos jornalistas, comerciantes, autoridades, vadios da província etc. Um empenho de Alphonsus filho para situar a contribuição estética e político-cultural de seu pai, evitando a gratuidade de uma reivindicação de filho ou o equívoco de uma figuração isolada da produção poética. A força dessa aproximação entre filho e pai aparece potencializada, pois esta biografia não é, apenas, o encontro de um filho que reivindica a presença do pai, é um encontro também literário e poético.

É interessante perceber o trabalho de meu avô em caracterizar uma outra dicção de Alphonsus que ultrapassa a imagem do poeta de Mariana, a católica,

²⁰⁶ Ibid., p.415 e 416

para abranger a situação produtivamente paradoxal do artista que cultua a morte tanto quanto as variadas tensões do cotidiano, capacitando-se a uma leitura acurada dos impasses da sociedade de seu tempo. Interessante, pois foi nessas brechas que o simbolismo respirou outros ares e produziu outras inventividades que acabaram por invadir o lado lírico do movimento, como já foi comentado anteriormente. Quando Alphonsus escreve um quarteto como:

De tarde, quando o tédio me abandona,
Eu vou pra cidade, contristado...
O sol, como um inglês embriagado,
Vomita vinho na celeste zona.²⁰⁷

A dança dos ritmos do verso e a transfiguração dos temas e elementos presentes no poema ganham outra potência criativa. A esta outra dicção de Alphonsus meu avô dedica três capítulos: Humorista em prosa e verso, Teu humorismo e O lírico no humorista, e investiga este caminho intrincado entre o lirismo do poeta e seu humor, relacionando a dupla costura com as preocupações de Alphonsus com o seu círculo literário, político e social.

As memórias resgatadas aparecem em testemunhos orais e, em muitos momentos, em cartas. Quase toda a memória epistolar de Alphonsus está editada pela Academia Brasileira de Letras no livro *Correspondência de Alphonsus de Guimaraens*. Meu avô retoma na biografia algumas cartas do pai. Na busca por sua ligação com a figura paterna, que não pôde ter em vida, busca nos documentos, referências a ele próprio, como em uma carta datada de 21 de agosto de 1919: “Nessa mesma carta aludes a mim como “Afonsinho”, na única vez que assim fizeste na tua correspondência, para dizer-me restabelecido”.²⁰⁸

Em casa de meu avô há um quadrinho com um manuscrito de seu pai no qual aparece escrito Alphonsus Júnior, Alphonsus Filho, Alphonsus, o moço. Ali o velho simbolista teria vislumbrado que o filho, em quem pusera seu nome, assinaria também poemas retomando seu nome literário? Lançando mão da imaginação para reconstruir a história, para mim, é certo que sim. Em outra carta para o filho João Alphonsus fala da famosa visita de Mário de Andrade.

²⁰⁷ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p.222

²⁰⁸ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995, p. 87

Há cinco dias esteve aqui o sr. Mário de Moraes Andrade, de São Paulo, que veio apenas para conhecer-me, conforme disse. É doutor em ciências filosóficas. Leu e copiou várias poesias minhas (principalmente as francesas), e admirou teu soneto a Belmiro Braga. É um rapaz de alta cultura, sabendo de cor, em inglês, todo o Corvo de Poe. Viaja para fazer futuras conferências, e visitou todos os velhos templos desta cidade. A verdade é que, para quem vive, como eu, isolado – uma visita dessas deixa profunda impressão.²⁰⁹

Seguindo o caminho duplo entre memória e fantasia meu avô recria a cena do encontro depois de transcrever a carta:

Vejo o escritório atulhado de livros e, na sua “tristura cinza”, tu e o moço da Paulicéia que te faria decerto meditar nos dias já distantes em que pervagaras pelas ruas da capital bandeirante. Deste-lhe a ler, [...], versos em português, em francês, teus versos que não haviam encontrado editor, teus versos, suave companhia no teu exílio, consolo da tua solidão irremediável. Que diálogo comovente não terá sido o teu, de poeta solitário, com esse moço que tinha uma sensibilidade tão sua, que também era poeta e que, no entanto, em nenhum momento teve coragem de te confessar que o era [...]. A conversa se prolongou no ambiente penumbrento, na grave emoção da hora que vivias. Mário quis retirar-se. Detiveste-o, entregaste-lhe novos versos. [...]. Lá se foi Mário de Andrade: voltaste ao marasmo dos teus dias, ao convívio silencioso da poesia.²¹⁰

Encontrei há pouco tempo uma carta de Alphonsus de Guimaraens a Mario de Andrade que não consta na edição de sua correspondência editada pela Biblioteca Nacional, à qual meu avô não teve acesso na época em que escreveu a biografia. As palavras do velho Alphonsus escritas a Mário, lembram a descrição ficcionalizada citada acima.

Sobre esta visita um desenrolar de outras memórias criadas surgem quando outro interlocutor entra em cena. Carlos Drummond de Andrade escreveu o longo poema *A visita* (já mencionado), sobre o único encontro físico entre simbolismo e modernismo. Um cruzamento de forças inventivas de que resultou um legado milionário para a cultura brasileira. Meu avô ressalta esse intercâmbio e o reforço das relações entre sua geração e a de seu pai, destacando sempre o papel de Drummond no resgate da memória simbolista no Brasil.

Todo este percurso que fiz neste trabalho, mostrando a intensa relação entre modernismo e simbolismo no Brasil só foi possível porque meu avô havia, muitos anos antes, começado este apontamento. Muitos momentos da biografia do velho Alphonsus e da correspondência de meu avô com os modernistas, tanto a

²⁰⁹ Ibid., p.356

²¹⁰ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995., p.357

publicada quanto a inédita, me deram as primeiras direções para começar este estudo. Com o propósito de mostrar a importância dos simbolistas para os modernistas e o resgate desse momento da literatura brasileira, que em seu tempo foi marginal, meu avô, sempre se dirigindo ao pai, cita Oswald de Andrade:

Foste compreendido, assim, pelos futuros líderes modernistas. E pelos que vieram depois deles. Oswald de Andrade também te homenageou. Quando de tua morte, escreveu ele no *Jornal do Commercio*, edição de São Paulo, 24 de julho de 1921, num tópico das suas questões de arte: “Alphonsus de Guimaraens valia sem dúvida todos os poetas juntos da Academia Brasileira.”²¹¹

No caminho longo de detalhar a vida de um pai poeta, por várias razões desconhecidas, articulam-se lembranças pessoais, impressões de terceiros, perspectivas críticas e impulsos afetivos. Assim também acontece nos capítulos Como te viu a imprensa marianense, e Como eu te vejo, que pelos títulos entregam este jogo. O jogo dos múltiplos Alphonsus visto pelos diversos olhos que o observavam e ainda o observam.

Além de toda essa estratégia de construção literária há um momento da biografia que extrapola o limite entre o texto e a vida, se é que existe mesmo este limite. Em 1953 o Governo de Minas, por intermédio do então governador Juscelino Kubitschek, mandou erguer um mausoléu no cemitério de Sant’Ana, em Mariana, para o poeta que estava enterrado, na mesma cidade, mas no cemitério do Rosário, em uma colina que mais tarde desabaria, com uma simples cruz onde se lia a inscrição “Poeta do luar”. Assim, em 24 de outubro de 1953, houve a transladação dos despojos e “realizou-se, na verdade, como que um novo funeral”²¹². O mausoléu foi erguido por sugestão de meu avô que nesta época trabalhava com Juscelino no Governo do estado de Minas Gerais.

Assim, na biografia do pai, o filho autor conta ao biografado o momento de seu segundo enterro, misturando os dois destinos para além da tessitura do texto. Em seu desejo de convivência com o pai-poeta, Alphonsus filho criou, como homenagem ao pai, um segundo enterro do qual pôde guardar lembrança, reservando para si uma imagem reconfortante do último momento do pai.

Desta maneira, como no texto, graças ao amor à poesia e ao empenho no resgate do passado junto à sua geração, o filho-poeta viveu a emoção que não

²¹¹ Ibid., p.366.

²¹² GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995., p.184.

pôde ter registrada na cerimônia funerária de 1921. Alphonsus filho incluiu na biografia do pai a dimensão política dessa cena de resgate da obra simbolista, por Juscelino Kubitschek e seu papel na canonização de Alphonsus de Guimaraens, o que pode ser visto como mais uma relação entre o modernismo e o simbolismo se pensarmos na estreita ligação do então presidente com a arte moderna.

Todo o processo simbólico de construção do mausoléu de Alphonsus, que é a própria revitalização de sua memória, foi motivo de intensa conversa epistolar entre Drummond e meu avô. A inscrição numa cruz de madeira: “Aqui jaz Alphonsus de Guimaraens, o poeta do luar”, me lembra o poema de Drummond Luar para Alphonsus:

Hoje peço uma lua diferente
para Ouro Preto
Conceição do Serro
Mariana

Não venha a lua de Armstrong
pisada, apalpada
analisada em fragmentos pelos geólogos.

Há de ser a lua mágica e pensativa
a lua de Alphonsus
sobre as três cidades de sua vida.²¹³

Muito antes deste poema, em março de 1954, Drummond escreveu longamente a meu avô comentando a construção do mausoléu. Na carta, este binômio vida e morte se entrelaça de forma potente. O espectro dos antepassados mortos flutua pelo mundo dos vivos, trazendo à tona a frase de Oswald de Andrade “Os mortos governam os vivos”²¹⁴. Mas aqui será que governam ou convivem de forma produtiva e fértil? Vamos às palavras de Drummond:

Meu caro Alphonsus:

[...] Senti não poder estar presente à cerimônia da inauguração do jazigo de Alphonsus, mas como expliquei em tempo em telegrama ao governador,

²¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.663

²¹⁴ ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas*. Memórias sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.255

era de todo impraticável para mim a viagem naquela época. (...). A iniciativa, entretanto, me parece a mais bela e delicada que se poderia conceber. Raras vezes entre nós se terá visto o governo baixar de suas esferas olímpicas para render culto a um poeta.

Tive oportunidade de pensar bastante em você há dias, quando chegou a minha vez de passar por uma experiência sob certos aspectos análoga à sua. Cumprindo um desejo de mamãe, fui a Itabira à exumação de seus despojos, para depois transportá-los até B.H., onde ficaram repousando junto aos de papai, no cemitério do Bonfim. Esta última cerimônia me apareceu como algo que excluía toda ideia de tristeza, porque era a realização de um voto antigo e a consumação de um segundo casamento, dos restos de um com os restos do outro, acima e além das contingências do tempo. Confesso que este pensamento me deixou comovido e consolado, a um nível que eu não seria capaz de prever. É admirável como os mortos existem e desejam ser amados. Tudo que se fizer para servi-los e honrá-los dilata essa existência segunda em cujo centro os contemplamos. Neste sentido, v. também deve sentir-se satisfeito, porque a lembrança de um pai, não só ao destino poético do filho, mas na sensibilidade poética de todos nós, é cada vez mais nítida e independente de modas e políticas literárias. Não sei de glória mais pura.

[....] O melhor e mais afetuoso abraço
Carlos.²¹⁵

Meu avô responderia esta carta com grande alegria. No texto da carta fica ainda mais clara essa relação espectral entre pai e filho. Uma relação que se deu para além da vida, na busca de um filho para conhecer um pai pelo resgate literário de sua obra. Não há universos paralelos para a poesia, ela atravessa barreiras e conecta tempos distantes no espaço e espaços longínquos no tempo.

Meu caro Carlos:

Você não pode imaginar o grande bem que me fez a sua carta. Ainda me ficaram vestígios, que se irão apagando aos poucos, do grande choque emocional que sofri em Mariana no dia que lá fomos trasladar os despojos de meu pai. [...]. Não tendo conhecido meu pai, não tive coragem bastante para enfrentar a exumação. O mano Gui foi quem acompanhou todos os trabalhos e, guiado por ele, fiz a ata. Mas conduzi a urna até uma capela, assisti à encomendação etc. [...].

Já tinha sabido (como correm as notícias!) da sua passagem por aqui e da finalidade da sua ida a Itabira. De experiência própria posso avaliar a sua comoção. Que belas as suas palavras sobre os mortos! Elas contêm uma verdade que eu sentira antes sem conseguir enunciá-la. Lembram-me aliás o poema admirável que você incluiu em *Claro enigma* e em que alude a essa segunda existência dos mortos (eles não vivem senão em nós – cito de

²¹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 03 de março de 1954. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

memória mas creio haverá lá um pensamento assim.)²¹⁶

Em *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente* vivem realmente os mortos nos vivos, em especial na imaginação afetiva do filho-autor, que se faz presente, no texto, transformando o espaço literário em lugar ideal para a confluência de tempos não-coincidentes e afastados. Tudo isso num constante diálogo, numa fértil conversa sobre literatura que entrelaça duas vidas pela afetividade familiar que encerram e pela efetividade na criação literária e no amor pela poesia.

Esse entrelaçamento de caminhos entre pai e filho que misturam vida e obra literária nos remete a situação parecida vivida por outro escritor, Jorge Luis Borges. Diferentemente de Alphonsus filho, Borges conheceu o pai, mas, como meu avô, compartilhava com o pai o mesmo prenome. Eneida Maria de Souza em seu artigo “Borges, autor das mil e uma noites”, aborda com precisão esses encontros. Toda a obra de Borges é construída no jogo de autoria heteróclita, “o autor apresenta-se como compilador e tradutor de textos alheios, recolhidos aqui e ali na biblioteca; ora assume a autoria de Rubayat, feita pelo pai, e mais tarde atribuída ao filho por serem ambos portadores do mesmo prenome.”²¹⁷ Interessante entrelaçamento de destinos literários de pai e filho que passaram pela mesma experiência da cegueira. Tal troca de posição entre homônimos acontece com outra potência entre os Alphonsus. Meu avô se chamaria Josafá mas, conta-se que, indo o velho Alphonsus registrá-lo resolveu colocar seu nome no filho, pois ainda não havia feito isso. No registro civil não aparece Filho, o nome dos dois é o mesmo, Afonso Henriques de Guimaraens. Homônimos na certidão de nascimento e no destino literário.

A importante relação que se estabelece entre os dois Alphonsus no texto, assim como no caso Borges, não é apenas uma revalorização da busca do pai num plano pessoal: “A herança paterna e a filiação literária não se situam apenas no nível do parricídio ou da revalorização da figura do pai, em âmbito estritamente familiar. Representam igualmente um vínculo com o texto herdado da tradição [...]”²¹⁸ e indicam “[...] a presença obsessiva do fantasma do outro que, passando

²¹⁶ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 05 de março de 1954. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801.

²¹⁷ SOUZA, Eneida Maria de. Borges, autor das Mil e uma noites. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 405-412.

²¹⁸ Ibid., p.410

por um processo de ritualização na escrita, consiste em apagar e, ao mesmo tempo, reforçar a marca da herança paterna”.²¹⁹

Durante todo o texto a superposição de escritas se faz presente, como aparece de maneira clara na já citada paráfrase do poema Catedral. É importante também destacar o papel de editor e biógrafo, que Alphonsus filho escolhe desempenhar, situando-se em relação ao pai como aquele que zela pela canonização da obra e garante sua fidedignidade. Assim, a letra na página permite a união daqueles que o destino separou em vida.

Aqui termino os comentários sobre esta biografia de Alphonsus de Guimaraens que você escreveu, meu avô. Amplio ainda mais os encontros entre história, memória e invenção. Seu neto poeta, que escreve sobre o avô poeta, que escreveu sobre o pai poeta. Um exercício de memória em abismo. Também usei de minha própria memória e experiência para reler essa biografia. Não há um só Alphonsus de Guimaraens, este me parece o seu maior recado, o que fica muito claro, como tentei demonstrar, já na sua estratégia discursiva para escrever a biografia do meu bisavô. O que há, como energia identificadora e mantenedora da pluralidade rica de Alphonsus, é você, poeta e filho, investigando e pesquisando a vida de um pai poeta que não conheceu. Fazendo escolhas sobre os caminhos a percorrer para encontrar as memórias do pai, lançando mão de sua própria experiência, memória e inventividade para preencher as lacunas de história.

Em *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente* temos um retrato do solitário de Mariana tirado por você, um dos 15 filhos, e agora comentado por mim, um dos muitos e muitos bisnetos, que usou uma foto de quando criança, em frente a Casa Museu Alphonsus de Guimaraens em Mariana, para marcar as páginas na leitura da biografia de seu pai.

²¹⁹ Ibid., p.411